



Doc 107

«O milagre... — descreve um jovem descrente dos nossos dias — é que, em dado momento, havia uma sociedade pagã moribunda e, por volta do ano 200, à roda dessa sociedade de escravos, deu-se um renovo total de vida e o cristianismo *estava lá*.»

Este «estar lá» do Cristianismo no «renovo total de vida» é que, em relação à sociedade e ao homem contemporâneo, dir-se-ia facilmente (e legitimamente) contestável. Desde que perdeu a aparente harmonia da Idade Média — em que, pelo menos, soubera «passer aux barbares», como há cem anos preconizava Ozanam (referindo-se, evidentemente a outra espécie de «barbares») —, a Igreja como que pareceu entrar em contestação com o homem, em réplica, em desforço, dificultando, se não mesmo condenando, um trabalho de emancipação que não podia deixar de fazer-se.

Este escândalo de ausência exigia uma explicação. Antes de tudo, uma explicação para a Igreja — para a Sua vocação de Povo de Deus, que Ela não pode deixar de ser *radicalmente*, tão radicalmente *povo* quanto radicalmente *de Deus*, destinada a ser a ligação entre as promessas de Um e as esperanças do outro, e, por isso, a unir e não a dividir, a estimular e não a parar. Uma explicação, seguidamente, para os que, dentro d'Elas, viviam na dilaceração entre o seu Cristianismo e o seu humanismo, não se resignando a ser fiéis à custa de serem homens (ou vice-versa). Uma explicação, por fim, para a *massa* de que Ela é o fermento — massa alheia, indiferente ou até mesmo hostil, mas, de qualquer forma, a Sua massa, o Seu povo, o povo dos irmãos, tanto mais grandiosa e intimamente fiel muitas vezes quanto mais grandiosamente A nega e hostiliza (ou A nega e hostiliza no Seu depósito de fé, para assumir, secretamente as Suas intimas esperanças).

A essa explicação, a esse confronto, a esse diálogo é que se abre a Igreja do Concílio, Concílio que, chegado ao seu fim, é que começa a ser vivido em cada um. Mais do que as fórmulas e, porventura os compromissos, é o espírito dessa Igreja que hoje conta sobretudo — é ter findado essa aparência escandalosa de um Povo que se recusa «sentir» com o povo, a transportar aos Seus ombros a própria cruz da humanidade.

Nesta breve reflexão teológica, é o tema do diálogo da Igreja com os homens, o tema do diálogo do Povo com o povo, que se oferece à reflexão e à sugestão de todos nós. Por isso interessa a crentes e a descrentes, porque junto buscamos, se alguma fé temos no homem, o mesmo «reino de Justiça, de Amor e de Paz».

## O POVO DE DEUS AO SERVIÇO DA HUMANIDADE

**Reflexão comunitária  
de teologia para leigos**

**PORTO, 18, 19 e 20 de Novembro**

**Salão da Igreja de Cristo Rei**  
(à Av. Gomes da Costa)

O POVO DE DEUS AO SERVIÇO DA HUMANIDADE

DE DEUS

6.a feria, dia 18

AS 2130 II. —

por Dr. Ramundo Oliveira

Sábado, dia 19

As 21,30 h. — (4)

zed

Por tr. Bernardo Domingues

seos

Procureando responder aos imponentes da Igreja, pro-  
movemos esta reflexão para  
todos aqueles que atentos  
aos sinais dos tempos, que-  
rem elucidar-sa em ordem  
a uma ação escalarizada.

Antônio Leitão  
Benjamim S.  
Carlos Castilho  
Francisco Lira  
Juvenal de Melo  
Luisa  
Maria Trene  
Márcio Brochado  
Marina Brochado  
Tereza  
Joaquim Corrêa

ce de Cas  
baratos  
o Ferriani  
umbrales  
cedo  
Fretetas  
Cabrasl  
Costa M  
aado Coel  
trinhas  
reia da S

strò  
des Sà Carm  
Turtado  
l'argues  
ho  
l'Illa

« Tele 0

680899  
43884  
683782  
682914  
47738  
681370  
27204  
60869  
67655  
681248  
681813

INSCRIÇÃO

Nome \_\_\_\_\_

Morada

Local de Trabalho

Contributo para a organização